

"RAPAZ, CÊ TÁ COM UM ENCOSTO EM VOCÊ" OU " O VERME MAIS MEDONHO DO MUNDO"

Um exemplo de terapia familiar intercultural

Carlos Arturo Molina-Loza

Centro de Estudos da Família de Fortaleza

RESUMO-Logo após uma breve enumeração de alguns dos fundamentos teóricos da sua abordagem terapêutica, o autor apresenta as três primeiras sessões de um caso clínico que, tanto exemplifica a problemática das famílias carentes que procuram ajuda no Centro de Estudos da Família, como ilustra a maneira como se tenta responder à dita demanda de forma adequada para cada família.

"KID, YOU'RE POSSESSED" OR "THE WORLD'S MOST
SCARING WORM" AN EXAMPLE OF INTERCULTURAL
FAMILY THERAPY

ABSTRACT - After a brief enumeration of some of the theoretical foundations of his therapeutic method, the author presents the three initial sessions of a clinical case. The case exemplifies the problems of the poor families that seek help at the Center for Family Studies, and illustrates the manner in which one tries to respond to the demands presented by each family in an adequate way.

*"Compadre meu Quelemém descreve
que o que revela efeito são os baixos espí-
ritos descarnados, de terceira, fuzuando
nas piores trevas e com ânsias de se tra-
varem com os viventes — dão encosto".*

*João Guimarães Rosa
Grande Sertão: Veredas*

Os organizadores do Primeiro Encontro Mineiro de Terapia Familiar nos convidaram para que apresentássemos um exemplo do trabalho clínico realizado no Centro de Estudos da Família com a população de baixa renda da região metropolitana de Fortaleza. Escolhemos, dentre muitos outros, o trabalho reali-

Uma versão resumida do presente trabalho foi apresentada no primeiro Encontro Mineiro de Terapia Familiar, realizado nos dias 27 e 28 de novembro de 1986 e promovido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Toxicomania do Departamento de Psicologia FAFICH/UFMG.

Endereço: Caixa Postal 12.189, 60.021 - Fortaleza-CE.

zado com uma família de pescadores porque ilustra perfeitamente quais são as dificuldades enfrentadas por esse tipo de família (e os meios particulares e concretos pelos que manifestam seu sofrimento), por um lado, e qual é nossa maneira de fazer terapia, pelo outro.

Nossa abordagem poderia ser sucintamente resumida se alinhássemos os seguintes termos: Terapia - Familiar - Sistêmica - Breve - De Crise - Intercultural.

Terapia, porque apesar de não lidarmos com doenças (nem físicas nem mentais) e sim com transtornos relacionais (Andolfi, 1985), a denominação tem resistido à mudança das práticas e concepções. Familiar e sistêmica, porque ao trabalharmos com o grupo familiar (ou com um dos seus subsistemas) o fazemos levando em conta as funções desempenhadas pelo "paciente designado" e seus sintomas no funcionamento do Sistema no seu conjunto. Nosso cliente é o grupo familiar. Breve, porque nossa intervenção visa produzir um impacto cujo efeito imediato provoque, no interior da família, uma necessidade de mudança e, por conseguinte, que sejam necessárias poucas sessões (há muitas outras famílias precisando de ajuda...). De crise, porque, em termos gerais, funciona essencialmente quando a corda está para arrebentar. Finalmente, seguindo Devereux (1978), intercultural, porque, apesar de não pertencermos exatamente à cultura da família, esforçamo-nos por conhecê-la e usá-la como alavanca no tratamento.

Pretendemos, pois, compreender a família na sua complexidade sistêmica, descartando a tradicional visão linear causa-efeito que nos levaria a ver o "paciente identificado" e os seus sintomas como sendo o problema. Veremos os sintomas como metáfora (Madanes, 1984) de um problema. Assim sendo, buscar-se-ão as intervenções e prescrições (Haley, 1979, 1986) que possam mobilizar o sistema e contribuir para a mudança dos padrões patológicos de relacionamento.

SEU AUGUSTO E DONA JOAQUINA

O casal procurou nossa ajuda por encontrar-se numa situação que ameaçava a própria subsistência da família como grupo. Trata-se de uma família de pescadores do município de Caucaía no litoral cearense, a 25 quilômetros de Fortaleza. Foram recebidos sem termos maiores informações sobre o problema e deixamos que nos pusessem a par da situação.

"O DESTINO DELE É BEBER... QUE DESTINO TÃO MEDONHO! EU PENSO QUE SEJA O ESPÍRITO DO IRMÃO DELE"⁽¹⁾

"Bem-querer de minha mulher foi que auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor. Digo."

João Guimarães Rosa
Grande Sertão: Veredas

(1) Primeira entrevista, 10 de outubro de 1986.

A terapia desta família foi realizada, além do autor (CAML), por outros dois membros da equipe: Cláudia Viot de Albuquerque e Christina Sutter (esta última, participando como observadora atrás do espelho unidirecional).

Logo após termos feito as apresentações e conversado bastante na fase "descontraída" de intercâmbio com a família e contando com informações fundamentais sobre o "funcionamento" do casal, abordamos o problema que motivou a demanda:

Augusto — Eu pescava no mar e num sentia nada, sabe? Quando foi de um certo tempo para cá aí comecei com uns negócio lá quando eu chegava no mar, um negócio me atacava enquanto eu não viesse pra terra. Eu tinha que vim pra terra. Aí de lá prá cá eu comecei a sentir aquele negócio mal em mim, com aquela vontade de morrer, de ir direto pro caixão.

CAML — Foi por isso que vocês vieram aqui?

Augusto - Foi.

CAML - Desculpe, eu não entendi muito bem, qual é o problema, que foi que aconteceu?

Augusto - Foi assim, sabe...

Joaquina - (Interrompedo)... mais ou menos uns dois meses pra cá que ele tá assim. Porque quando eu vi m trabalhar em Fortaleza ele foi tudo de acordo eu vir, aí tudo bem em casa. Agora de uns dois meses pra cá é que tá um desmantelo dentro de casa, dele viver só bêbado. Até que eu já pensei que foi o irmão dele, morreu bêbado, sabe? E ele agora sentindo mal com frio, e eu... nós comentamos isso, ele fala do irmão né? Ele andava sentindo uns frio dentro de casa, aí ele não pára, ele bebeu de domingo até quarta-feira.

Temos dois dados fundamentais: o problema é a bebida do marido, e eles dispõem de uma hipótese diagnóstica: o irmão (morto) é a causa da dificuldade, trata-se de um encosto. Antes de explorar essa hipótese, tentaremos por outras vias.

CAML - Foi algo que aconteceu no mar?

Augusto — Assim, começou no mar comigo, assim, aquele negócio, sabe? Começou assim...

Joaquina — (Interrompendo) O destino dele é beber sem parar.

Augusto — É um destino tão medonho... que eu não era assim não. Taí ela que conta, tá nos 30 anos de casados ou mais...eu nunca...e agora eu bebendo todo tempo! Eu não tomava de jeito nenhum.

CAML — Então, começou há dois meses...

Augusto - É, mais ou menos isso.

Joaquina — Quando ele pula n'água, quando vem do mar, já é na carreira pra bu-dega... beber(...) Não sei o que fazer!, porque eu não posso deixar minha casa abandonada... vendo ele morrer na cachaça!

Qual é a função do sintoma?

CAML — A senhora acha que se a senhora voltar ele deixaria a cachaça?

Joaquina - Eu quero que ele deixe sem eu voltar... né?, porque...

CAML - Eu perguntei outra coisa... se a senhora voltar, ele deixaria a cachaça?

Joaquina - Acho que sim.

CAML - O senhor também acha?

Augusto — Olha, quando ela tá em casa, eu respeito muito ela. Eu estava em casa pedindo a Deus que ela viesse sábado pr'eu...

CAML - Quando a senhora está em casa o senhor não bebe?

Joaquina - Não. Bebe assim, quando eu não tou... Eu vivia tão bem dentro da minha casa, sem bebida!

Ele, com a bebida expressa sua impotência e uma demanda desesperada: "Volte, eu preciso de você". Nesta situação, nosso desalento (como terapeutas) é total: não há nada a fazer. Isto não é um problema a tratar em terapia, é um problema social, econômico. Após trinta anos de casamento, o marido tem de aceitar que a mulher abandone o lar para contribuir ao sustento da família. Dentro desse contexto cultural, nessas circunstâncias, o HOMEM deixa de ser um chefe de família, cai na desgraça e na desconsideração dos outros. Para ele, a mulher que cai no trabalho assalariado (porque ele não assegura mais o sustento diário) cai... na vida.

Deveríamos reformar esse sistema... sócio-econômico! Mas seu Augusto edona Joaquina não nos pagam (5 cruzados) para isso, e sim para que os ajudemos. Então, pesquisemos...

CAML — O que é que a senhora sente quando ele bebe?

Joaquina - Quando ele bebe? Aí eu sinto um desgosto muito grande. Porque ele tem um problema, já foi internado, porque ele sente uma dor, sabe? Ele não pode estar vivendo de tomar cana. Mas ele não entende não. Se der uma jarra de cana ele bebetudim de uma vez, o destino de beber. Eu penso que seja o espírito do irmão dele.

CAML — Quando foi que o irmão dele morreu?

Joaquina — Quantos anos faz já?

Augusto — Acho que tá bem com uns três anos.

CAML — Ele morreu bebendo? Ele bebia muito?

Joaquina — Bebia muito, ele foi pru enterro de uma tia dele e quando chegou, ele caiu no meio do caminho, mas que o pessoal pensava que estivesse dormindo, de bêbedo! Quando foi de tarde, quatro e meia, aí o pessoal chegou lá e ele tava era morto! Chega ficou preto do sol e da bebida. Aí ele era assim, só vivia assim, bêbado. Aí eu penso que só pode ser o espírito do irmão dele que tá perseguindo, mais ou menos isso.

CAML — O senhor também acha que poderia ser?

Augusto — Eu não sei nem dizer, não. Se meu irmão vir a mim... Uma vez eu sonhei com ele viu... ele falou comigo, pedindo pr'eu mandar rezar prá ele, sabe? Porque ele morreu assim no escuro, né? Sem ninguém ver nem nada. Uma vez, em sonho, onde ele morreu quando eu passo me dá aquele frio... Tá, só em falar nele eu já me arrupiei tudinho... é um negócio! Só se é meu irmão que anda atrás de mim.

Estamos num processo de acomodação (Minuchin & Moltalvo, 1986) à família, isto pode ser notado inclusive a nível da linguagem dos terapeutas. A obtenção de dados deverá permitir-nos elaborar uma intervenção à medida (isomórfica, de Shazer, 1986) da família.

A hipótese da esposa está baseada no negativismo do irmão/cunhado morto. Tentaremos encontrar os aspectos positivos que pode ter a presença do "espírito". Se conseguirmos definir, reenquadrar (Bergman, 1986) positivamente a atitude do espírito, poderemos utilizá-lo como poderosa alavanca para redefinir toda a situação.

CAML — Ele gostava muito do senhor?

Augusto — Gostava.

CAML — E... vamos imaginar que fosse ele, o que é que ele poderia estar querendo?

Joaquina — Querendo levar a fazer do mesmo jeito que ele morreu... morrer bêbado! Ele (olhando para o marido) chegou - eles me contaram lá - pedindo cana pelo amor de Deus!

CAML — Sim, mas o senhor estava dizendo o que seu irmão poderia estar querendo? Se fosse... caso fosse ele?

Augusto —... Talvez seja o que ele me pediu a primeira vez, né? Pr'eu mandar rezar...

CAML - E o senhor fez?

Augusto — Domingo de noite eu fui prá Caucaia com Walter, aí quando eu vim era umas... uma hora da madrugada. Onde... onde tinha morrido... o vento brando... deu aquela ventania, assim, mermo que fogo. Eu me arrupiei... aí também abaxei a cabeça e me mandei. Quando eu cheguei acima da onde tem uma casinha lá... um negócio deu em mim... eu vi foi alma! Por Deus que me deixou ir embora! eu vim. Aí!, se meu irmão se encostar em mim!!!

CAML — Quer dizer que ele estaria querendo que o senhor cumpra com uma... digamos, com uma promessa, um pedido que ele fez?

Augusto — É.

CAML — Que o senhor ainda não cumpriu!

Augusto — E eu ainda não cumpri o que ele me pediu e talvez ele quer me pedir de novo.

Cláudia — Me parece que a senhora pensa diferente.

CAML — É sim, mas o senhor disse que o irmão gostava dele, queria bem a ele. Seria estranho que quisesse agora fazer o mal pro senhor, talvez queira só que o senhor cumpra com as rezas. E não esteja querendo fazer o mal.

Joaquina — Eu penso assim...

Cláudia — A senhora acha que, se for o irmão dele, ele esteja querendo só reza?

Joaquina — Não, eu acho que ele não tá querendo reza. Tá querendo levar ele no buraco do vício medonho de... E se eu não tivesse ido pra minha casa ele ainda tava bebendo.

CAML - O seu cunhado não gostava da senhora?

Joaquina — Quem?

Augusto — É, gostava, não tinha nada... raiva dele não?

CAML — Não, ele, eu pergunto se ele gostava da senhora.

Joaquina - Gostava sim.

As portas de uma interpretação positiva estão abertas. Eles já nos deram os elementos necessários para intervir: se o irmão vem é porque quer rezas... porque não dar-lhe rezas?

Mas, antes de concluir enfatizaremos e frisaremos a gravidade do problema. A família corre um sério perigo...

CAML — Antes de tudo acontecer o seu Augusto era uma pessoa boa que respeitava a casa e tudo mais. Como é quando está nessa situação de bebedeira?

Joaquina — Não! Se eu fosse deixar ele fazer mermo, ele quebrava as coisas dentro de casa, é que eu não deixo, evito.

CAML — Quando é que o senhor tem vontade de beber?

Augusto — Rapaz, depois que eu comecei a tomar o álcool, a cachaça... é só do que eu me lembro no mar é de ir prá terra pr'eu beber. Quando ela, a jangada topa, aí eu não converso com niguém, é prá buodega, aí...

Cláudia — Deixa a jangada...

Augusto — ... Um vício, um verme mais medonho do mundo. Antes eu não tinha isso não. Ao ponto de minha mulher voltar para casa por causa da minha bebida.

Cláudia — Mas, depois que ela chegou, ontem, o senhor não bebeu mais?

Augusto — Não bebi não, mas muita vontade...

Cláudia — E agora, mesmo o senhor estando perto dela, o senhor continua com vontade de beber?

Augusto — Não, acredito que não.

Poderíamos tentar uma prova de força? O senhor Augusto tem um verme, ou um espírito encostado. Vamos pô-los à prova...

CAML — Se eu trago um copo de cachaça aqui o senhor teria vontade de beber?

Augusto — Queria não, aqui eu não bebia não.

CAML — A senhora acha que ele bebia?

Augusto — (Interrompendo) E eu, eu pedi a ela que ela viesse que eu num... eu ia tentar ver se eu aguentava minha natureza, e num fazer mais isso.

CAML — Nem uma boa cachaça da serra, bem boazinha?

Augusto — Vou ver se me agüento. E que...

CAML — O senhor diz que sua força mais vem da força que lhe dá a senhora? (Silêncio) (Falando para ela) A senhora sabia que ele tem essa força quando a senhora está perto? Que a senhora o ajuda com sua presença? Talvez até antes ele já tivesse vontade mas com a senhora perto ele conseguiu se controlar. (Falando para ele) O senhor não fica muito triste quando ela vai trabalhar fora? Quando se tem trinta anos de casado deve ser muito difícil de aceitar que a companheira de tanto tempo saia para trabalhar longe, né?

Joaquina — Ele sente muita falta de mim dentro de casa. Tenho um menino de cinco anos que ele anda nervoso, com medo dele já.

CAML — Filho?

Joaquina - Sim, meu filho. Com medo dele só viver bêbedo, o menino não quer mais nem que o pai tá perto. E se ele (o pai) vai pegar ele (o filho), ele pergunta logo "O senhortá bebo?", ele pergunta. Os meninos andam com medo já dele.

Augusto - E os netos tudim!

CAML - Também os netos estão com medo!

Cláudia — Mas o senhor nota que muda tanto quando bebe?

Augusto — Quando eles me vê já vêem assim com medo. E eu: "Tô bebo não". "Tá", eles dizem. Tem vez que meu filho não quer nem se encostar perto de mim e eu não ofendo nenhum.

CAML - O senhor deve achar muito ruim que sua própria família esteja com medo, com desconfiança do senhor, né?

Augusto - Eu tenho duas filhas que me enfrentam quando eu tou mei ruim... Outro dia eu peguei uma faca, lá em casa e eu peguei a face e ela vôou em riba de mim. Agarrou-me, tomou a faca. Aí eu disse pra ela: "Minha filha, eu acho que se você não toma a faca era a derradeira vez que você me veria... a vontade que eu tinha era de fazer o que não prestava".

CAML — O senhor se...

Augusto — Eu também tive destino de fazer o que num... me suicidar. Pensando em... bestamente.

Continuamos conversando sobre a vida do casal e da família, o drama que estão atravessando...

CAML — Ele fala com facilidade com a senhora dizendo que gosta da senhora?

Joaquina - É sim, nós nunca brigamos, nunca, ninguém briga lá em casa.

O senhor Augusto se remexe na sua cadeira e, finalmente, levanta-se para se dirigir à janela. Parece não se sentir bem e respirar com dificuldade. Passamos um longo momento em silêncio.

Joaquina — O que é?

Augusto — Eu não sei, tô sentindo um calafrio, uma coisa ruim.

Cláudia — É isso que o senhor sente quando está no mar?

Augusto — Eu sinto aqui, a dor que eu sinto. Aí fico com aquele negócio, sabe?, aqui.

CAML — O senhor está com vontade de beber cachaça?

Augusto — Não!, num tô não, por hora eu não tô não. É sempre um negócio agora que vem, uma tontice assim como eu tava.

Pausa para deliberação

Como muitas vezes nos acontece com este tipo de famílias, estivemos a ponto de desistir... esses problemas se resolvem com condições de vida dignas para todos... De qualquer maneira, acabamos não desistindo. Assumimos a hipótese de dona Joaquina (pode ser o espírito do morto) juntando-a à do senhor Augusto (ele quer rezas).

Eles são recebidos novamente na sala com uma surpresa: um litro de cachaça (da boa!) e um convite. Pedimos insistentemente para que o senhor Augusto experimente e dê a sua opinião. Diante de sua negativa em aceitar, reforçamos o pedido, seriamente queremos que beba. A atmosfera se carrega, mas ele rejeita categoricamente o convite. (Ele que é incapaz de dizer não, cujo medonho verme vive sedento... !?).

Ao lhe propormos, em plena sessão, um copo de cachaça, pretendemos colocá-lo em uma situação insustentável do tipo prescrição paradoxal (Selvini Palazzoli et al., 1980; Andolfi et al., 1985): se aceitasse e bebesse, estaria demonstrando que não está interessado na sua recuperação, e se não aceitasse, mostraria que é capaz de dizer não. Ac se negar, com tanta veemência, o senhor Augusto está praticamente perdendo a possibilidade de utilizar o velho argumento: "não consigo dizer não..."

Finalmente, lemos nosso resumo da sessão com sua prescrição.

Queremos agradecer a presença de vocês e o esforço que fizeram para estarem aqui hoje, vindos de tão longe, e as informações que trouxeram.

Queremos felicitá-los pelo modo franco e aberto com que vocês falaram de problemas tão sérios e complicados. Realmente, é impressionante como vocês conseguem falar um com o outro com tanta amizade. Isto prova que vocês são um casal unido onde as brigas não existem. Percebemos que há uma força muito grande que os une: nestes trinta anos de casados o amor de vocês tem crescido e fortalecido a união.

Ficamos muito satisfeitos em conhecer um casal tão exemplar.

Concordamos com vocês quando falam que o problema do sr. Augusto é muito sério. Não deve ser fácil para um homem que tem vivido durante anos rodeado de respeito e admiração de sua esposa, filhos e netos agora se encontrar numa situação em que pode se transformar num cachaceiro que faz medo às crianças e até perde o respeito dos vizinhos e amigos. Compreendemos o quanto vocês estão sentindo a falta um do outro, sobretudo o sr. Augusto que, na falta de dona Joaquina, perde sua fonte de força.

Pensamos que o sr. Augusto tem cometido um grave erro: não ter feito as rezas que o irmão morto pediu.

Como prescrição, nós pedimos que, o mais rápido possível, o sr. Augusto e dona Joaquina, juntos, providenciem que as rezas pedidas sejam feitas e que todas as vezes que o sr. Augusto sentir vontade de beber pense no medonho fim do seu irmão e reze por ele.

Daqui a oito dias, na próxima sexta-feira (17.10.86), nos veremos novamente.

Escolhemos a prescrição de um ritual (Bergman, 1986), uma intervenção que utiliza como ponto de partida um dado fornecido pela família-que ao mesmo tempo que representa uma hipótese explicativa das dificuldades é uma informação comunicada metaforicamente (Andolfi, 1985) de um outro problema mais importante que já havíamos percebido: a família rompeu com um importante ritual familiar, a presença de dona Joaquina em casa ao lado do senhor Augusto.

Nossa prescrição poderá induzir (Erickson, in Zeig, 1985) uma mudança fundamental na situação: façam juntos e restabeleçam o equilíbrio rompido.

Ao sair da sessão, o sr. Augusto disse para sua mulher: "Esse homem é muito poderoso... quase me derruba! "O que foi que aconteceu? Ele atribuiu a sua sensação de tontura à força da minha pressão. Como? Uma explicação nos termos da sua própria lógica pode nos ajudar a compreender melhor a situação, bem como a preparar-nos para a próxima sessão.

Ele está com um espírito encostado, este dirige e comanda sua vontade. O psicólogo/curandeiro, se é realmente forte e poderoso, o ajudará a afugentar o espírito. Sentir-se tonto, fraco, na presença do psicólogo era mais uma prova do poder deste: o espírito deixa de exercer sua influência e dominar sua vontade e cede o lugar diante da força do psicólogo... um homem poderoso.

Eles saíram confiantes. Demos um passo importante.

"FICOU COM TANTA FÉ QUE A FÉ CUROU, NÉ?"⁽²⁾

"Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem -ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova?"

João Guimarães Rosa
Grande Sertão: Veredas

(2) (Segunda entrevista, 17 de outubro de 1986).

Desde o começo da sessão, percebemos que algo mudou, o visual é diferente. Houve uma melhora evidente.

Joaquina — Diz como tu tá te sentindo rapaz.

Augusto — To me sentindo mais... não sinto o que tava sentindo não.

CAML — Como é que é? Não tá sentindo mais...

Augusto — O que sentia né? Melhorei 100%!

CAML — E fizeram as rezas pedidas?

Augusto — Fiz. Mande fazer três rezas... com uma senhora lá. Aí depois, aí... que eu não dormia, n'era, que eu num comia nada, agora eu tou comendo e dormindo, né? Agora minhas fias é que já me acordam. E é aquele sono medonho que...

CAML — O senhor tá descontando o que não dormia antes... (Falando com ela) E a senhora, como o vê?

Joaquina — Eu tou notando ele bem melhor... e espero que continue sempre.

CAML — A senhora gosta mais dele quando ele tá bem?

Joaquina — Eu, mas é claro que é!

CAML — (Falando para ele) E então, não tem tido sede?

Augusto — Perdi a vontade...

CAML — Como é que o senhor explica essa mudança?

Augusto — Cum é?

CAML — Sim, como se explica a mudança, uns dias atrás tinha essa vontade de beber, não dormia, não queria comer e agora tá se sentindo melhor?!!

Augusto — O primeiro dia que eu vim aqui, né?, aí graças a Deus fui melhorando aos poucos, né? e tou me sentindo bem.

Joaquina — Ficou com tanta fé que a fé curou, né?

Augusto — Oferece a cachaça lá, pr'eu beber... Quero nada! (...) Uma noite deitei e acordei de manhã, e foi a minha filha me chamando: "O senhor num vai trabalhar não?" Aí foi, eu me levantei. Eu nunca mais tinha dado duro lá... em trabalho de caminhão, sabe? Essas coisas é mermo que tê levado uma pisa de pau, fiquei tudo duído, acostumado a pescar no mar, né?

CAML — E com seus netos, e seus filhos, e aquela filha valente que tava...

Augusto — Ah!, tá tudo assim, tudo alegre comigo, pru mode eu andar bom...

CAML — E agora eles não têm mais medo?

Augusto — Têm não. Quando é a noite lá em casa é uma zuadeira medonha, assistindo televisão e filhos meu que tinha medo - meu caçula - de mim, que tava pegando medo, agora quando em casa é abraçando...

CAML — O que é que a senhora sente quando sabe que de novo a harmonia, a alegria tá... voltando...

Joaquina - Eu fico muito alegre, eu peço muito a Deus pra continuar assim, pra... Eu já posso trabalhar despreocupada.

CAML — Mas continua pensando no senhor.

Joaquina - E, onde ele tá eu penso que esteje bem.

Hoje eles não querem falar em problemas... mas, as dificuldades não acabaram e temos de prever a recaída. Depois de falarmos um bom tempo sobre a família, voltamos a abordar a questão do irmão morto. Daremos mais um passo na utilização dos elementos culturais fornecidos pelo casal.

Se eles nos expõem um conflito culturalmente determinado (Devereux, 1978), devemos descobrir nele os próprios elementos para resolvê-lo.

CAML — Quando nós conversamos da última vez - que o senhor tinha essa vontade de beber, a senhora dizia que...

Joaquina - Hummmm

CAML — ... poderia ser ele (o irmão) que estava... mexendo prá que o senhor bebesse, para ele também aproveitar da bebida do senhor...

O senhor pensa que poderia ser assim, para ele poder desfrutar um pouco e de novo ter a possibilidade do seu irmão beber como bebia?

Joaquina — Latem um homem que mora vizinho, sabe?, mas eu num acredito nele não, sabe?, que ele bebe... ele diz que sabe tirar espírito, sabe?, essas coisa. Ele disse que (o marido) tinha uma sombra encostada nele, sabe?, e disse que era teu irmão, n'era? (...) Só pode ser ele, ele é quem morreu assim e quer levar o irmão.

Augusto — Não, eu me encontrei com ele, aí ele olhou assim prá mim, sabe?, com os olho espantado. "Rapaz eu num sei o que é isso não! Um negócio assim preto. Rapaz, cê tá com um encosto em você. Ele ainda não lhe pegou não, tá atrás."

CAML — Então, ele teria se acalmado um pouco com as rezas que vocês mandaram fazer?

Joaquina — E.

Augusto — Eu num vi mais aquelas coisas que eu via na minha vista, aquela sombra, aquele negócio. Eu num via eu., eu num via mermo assim, mas quando eu mudava assim de vista eu via o negócio. E quando eu... eu me sentia que era ele (o irmão).

Cláudia — E agora o senhor não vê mais?

Augusto — Graças a Deus num vê não. (...) Eu tou me sentindo bem, graças a Deus.

Vamos redefinir a situação. Quem ajuda não somos nós, eles estão fazendo o trabalho sozinhos, se ajudando.

CAML — A senhora tá disposta a continuar ajudando o senhor?

Joaquina — (Balança afirmativamente a cabeça)

CAML — É, então vamos. Apesar dele, com as rezas, as coisas terem parado, eu penso que seria bom... que se fizesse outras rezas. Não deixando uma vez só e já. Por outro lado, vamos preparar uma cilada se aparecer de novo, a senhora tem de fazer uma série de coisas, depois dizemos e damos por escrito.

Damos uma tarefa específica para cada um dos cônjuges, se querem resolver o problema deverão cumpri-la estritamente. Somos enfáticos! (Ver no texto que encerra a sessão a tarefa com seus detalhes de execução).

A seguir, continuaremos a falar dos progressos realizados e, inclusive, teremos tempo para um pouco de humor, mais um critério de saúde.

Joaquina — Um filho perguntou: "Mamãe, o que foi que a senhora fez com o pai?" Eu disse, "Cadê ele, já bebeu de novo?" "Não, de jeito nenhum".

Augusto — Até meu filho mais velho que estava afastado de mim, sabe?, agora tá falando comigo mermo alegre, contente, né?

Joaquina — Ele tinha vergonha.

Augusto — Hummmm

Joaquina — Vergonha de ver ele. Um dia eu cheguei lá e ele tava todo sujo, parecia assim, um criminoso que tava anos num presídio, sujo. Mandei as meninas trazer água e ele ainda num queria que eu desse um baim. Toda vida que eu pego ele bebo eu boto no terreiro e dou um baim, sabe? Aí ele diz que eu quero é matar ele (com água gelada!) "Não, você num vai dá banho em mim, se vier dá baim em mim eu dou umas porrada", ele diz desse jeito. E eu, "dou eu dou e quero ver", pego a lata d'água dou um baim e quando acabar enxugo, boto prá dentro e pronto.

CAML — Quer dizer que quando o senhor tá com vontade de tomar banho com a senhora vai e... bebe!

Joaquina - (Rindo) Acho que ele só quer que eu dê o baim porque as outras vão dá e ele não quer...

CAML — Por que o senhor não fala diretamente "me dê um banho, eu tou com vontade de tomar um banho".

Vamos encerrar esta parte da sessão com uma conotação positiva.

CAML — O senhor deve se sentir muito feliz por ter recobrado a confiança deles, a amizade, o carinho...

Augusto — Graças a Deus, quero ser assim toda vida. Porque eu tô me sentindo... toda tarde me dá aquele frio, uma coisa ruim. Naquele dia que eu vim aqui tave mei mal, né?

CAML — Parece que se mobilizaram a tempo, antes que a situação ficasse mais difícil. Estava na hora certa.

Nossa pausa para deliberação será, desta feita, muito menos tensa e angustiante, limitamo-nos a continuar no rumo traçado na primeira sessão. Com a prescrição entramos, definitivamente, no terreno do paradoxo intercultural... (um adeus gostoso às ortodoxias!).

Eis nosso texto final:

Concordamos com vocês quando dizem que o senhor Augusto tem melhorado muito. Desde que vocês entraram, nós nos sentimos muito contentes e satisfeitos ao notarmos que a aparência do senhor Augusto estava mais animada. Realmente, percebemos que houve uma grande mudança.

Esta mudança vem nos provar algo que já sentíamos da vez passada: a imensa capacidade de vocês de enfrentarem juntos os problemas, de se ajudarem um ao outro. Isto é um verdadeiro exemplo de amor e de solidariedade.

Queremos também felicitá-los por terem cumprido com a promessa das rezas, o que tem contribuído para a melhora do senhor Augusto.

Apesar de sabermos desta grande melhora, nós pensamos que os riscos de uma recaída ainda existem. O momento é de vigilância: temos de permanecer alertas. O perigo não passou ainda.

Como prescrição, pedimos que vocês encomendem outras 3 rezas e que dona Joaquina se encarregue de preparar os seguintes embrulhos: comprar papel celofane vermelho e 3 cabeças de alho. O primeiro embrulho com duas cabeças de alho deverá ser pendurado atrás da porta da casa em Boi Choco. O segundo embrulho com uma cabeça de alho, atado com uma fita vermelha deverá ser entregue ao senhor Augusto.

Senhor Augusto: cada vez que sentir que seu irmão está querendo caçaça, querendo insultar, querendo incomodar, o senhor deverá tomar um den-

te de alho do seu embrulho, mastigar bem e engolir. Assim, se ele vem em busca de cachaça encontrará alho!

Nos veremos daqui a 15 dias.

"TU É CRENTE, RAPAIZ! ?"⁽³⁾

"Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças - eu digo."

João Guimarães Rosa
Grande Sertão: Veredas

Nesta terceira sessão veremos os progressos se confirmarem e falaremos ainda menos nos problemas.

CAML — E a família?

Joaquina — Tá tudo bem, com a gente. O resto tá tudo bem.

CAML — E a senhora fez?

Joaquina — Fiz, eu merma fiz. Ele botou o embrulho lá trás da porta...

Cláudia — E as rezas?

Joaquina — As rezas eu fiz três.

CAML — E o senhor como tem se sentido, se manteve...

Augusto — Tou me sentindo bem... Num... de lá pra cá... eu fiquei com medo da bebedeira eu. A negada bebendo aí e é me oferecendo e eu "Negada, eu tou aqui com vocês mas... "Eles perguntam: "Tu é crente, rapaz!?" "E eu "Não sou não". Fico lá mais eles. Porque lá tem os sobrim da minha senhora, aí têm um negócio de um barzim lá, sabe? Quando é dia de sábado e de domingo... meu irmão!, enche e é só assim quando a gente vai, sabe? Aí eu vou prá lá... aí: "Bota uma cachaça aí prá ele". A negada me oferecendo, "Rapaz não quero não. "Não me dá vontade mermo d'eu beber, num dá vontade mermo não... Aí eu vou trabalhar e quando eu vou passando eu só vejo a negada: "Aí Augusto, toma aqui uma!", eu faço assim (balançando a cabeça negativamente). E lá onde eu trabai, o rapaz lá vende também bebida lá, mas num tem vontade de beber. Não. (...)

CAML — E que conta dos filhos do senhor?

Joaquina — Tão tudo satisfeito. O destroço é cana, né? Mas ele não tando bebendo tá tudo bem.

Podemos falar noutras coisas. O casal não tem apenas problemas.

CAML — Como a senhora fez para pescá-lo?

Joaquina — Nem sei, home, dei um jeito, né?

(3) (Terceira sessão, 31 de outubro de 1986)

CAML — (Rindo) Quem pescou quem, foi o pescador que pescou a senhora ou a senhora que pescou o pescador?

Joaquina — O pescador que me pescou, num foi?

Augusto — Pesquemo junto, né?

CAML — (Rindo) Cada um pescou o outro...

Encerramos a primeira parte da sessão com uma outra nota positiva.

CAML — Bom, quer dizer que novamente vocês só trouxeram boas notícias. A senhora confiava que ia ser assim?

Joaquina — Desde a primeira vez que eu vim aqui confiei que ia dá tudo certo.

CAML — O senhortem muita... muita força de vontade não é, quando se propõe algo consegue.

Joaquina — E.

CAML — Porque o que ele está fazendo não é fácil, tem o pessoal que convida, que tá insistindo, que chama.

Joaquina — É, lá tudo é assim, eles não chama, num oferece um refrigerante, oferece só cana.

Augusto — A negada num sabe... pegaram peixe, já torraram e beberam quase um litro de cachaça, e eu lá no mei lá deles. Eu pedia todo mundo. Eu tava num verme só de beber cachaça. Me acordava de manhã num procurava café, era cachaça.

Seu Augusto e dona Joaquina "resolveram" seu problema. Agora a viagem até o Centro de Estudos da Família torna-se complicada. Se dão, praticamente de alta. Nós queremos revê-los, estarmos seguros de que as mudanças acabarão estabilizando-se. Programamos uma visita domiciliar.

Mas disso falaremos uma próxima vez. Eis nosso texto final.

Ficamos muito contentes com nossa sessão de hoje, pois vimos que a melhora do senhor Augusto tem se mantido e confirmado.

Vocês estão de parabéns. O senhor Augusto, pela sua extraordinária força de vontade e determinação. É impressionante como consegue driblar todos esses convites à cachaça e mesmo conviver com pessoas que bebem sem por isto cair na tentação da bebida. Dona Joaquina, por esse imenso e importantíssimo apoio aos esforços do senhor Augusto. Não é difícil compreender o seu sucesso nessa complicada tarefa porque vocês constituem um casal unido que não mede esforços quando se trata de ajudar ao outro e a família.

Apesar desse sucesso extraordinário - deixar de beber, boas relações com os filhos, boas relações entre o casal - o risco de uma recaída ainda continua presente. Confiamos na capacidade de vocês, mas é impossível esquecer a enorme pressão que pode ser feita sobre o senhor Augusto. É impossível descansar, baixar os braços pensando que o perigo passou.

O senhor Augusto deve continuar com seu embrulho à mão para usá-lo em caso de qualquer necessidade.

Propomos que a próxima sessão seja daqui a um mês - caso o mundo ainda não tenha acabado⁽⁴⁾ - na casa de vocês no Boi Choco.

(4) Dona Joaquina nos falou longamente dos seus temores... "não passam dez anos sem que o mundo acabe!"

"Nada e três vezes nada. Ao contrário, continuava a dar aulas de culinária como uma pobretona necessitada, apesar dessa sua atividade repercutir negativamente sobre o prestígio social do marido (marido cuja mulher trabalha ou está mal de vida, ou é sórdido avarento, assim rezava a cartilha de dona Rozilda)".

Jorge Amado
Dona Flor e seu dois maridos

Temos acompanhado o senhor Augusto e dona Joaquina durante três sessões. No total, três semanas transcorreram. Soubemos do seu grande sofrimento e desamparo. Agora, com a supressão da fonte de preocupação desapareceu, também, a motivação. Por que haveriam de voltar se tudo está bem?

Por experiência, sabemos que um problema dessa magnitude dificilmente resolver-se-á de maneira tão rápida e contundente. A remissão poderia ser, simplesmente, momentânea e tudo voltar a ser como antes ou pior. E a situação poderia ser ainda mais complicada: teriam-nos perdido como recurso terapêutico. Se fracassássemos... que sentido teria nos procurar? Por isso insistimos em encontrá-los novamente, da próxima vez, na casa deles.

Antes de falarmos sobre o próximo capítulo, faremos algumas observações.

HIPÓTESES VERDADEIRAS OU HIPÓTESES CERTEIRAS?

O trabalho com este casal nos permite chamar a atenção sobre um ponto conflitante da nossa abordagem: O que buscamos? Para onde estão orientadas nossas perguntas durante a terapia?

Se procurássemos a verdade, rapidamente teríamos aceito como válida a primeira explicação, a mais óbvia (mas, às vezes, enxergar o óbvio (Pearls, 1979 (significa ir além do óbvio...): 1) Depois de trinta anos de casados, o marido não consegue mais sustentar a família; 2) a esposa deve deixar o lar e partir à procura do sustento familiar; 3) o marido, impotente, bebendo: a) reconhece publicamente seu fracasso como homem e b) encontra uma maneira de dizer "preciso de ti", "sem ti caio nas garras do vício", "volta para casa".

Por que não explorarmos esta via? Por uma razão simples, ela nos conduziria a um beco sem saída. Como poderíamos, então, desfazer o nó? Se a mulher trabalha fora o marido bebe e há crise familiar, se não trabalha haverá um buraco no mísero orçamento e.. crise (econômica) familiar. Um dos típicos paradoxos sociais impostos pela nossa sociedade: " Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come".

A outra hipótese pode não ser verdadeira (espíritos, encostos, etc.) mas, possivelmente, conduzir-nos-á a uma saída. Aceitando o discurso do casal, podemos utilizá-lo para reconstruir a realidade (Sluski, 1986), abrindo-lhes novas perspectivas.

Neste caso, teríamos que: (1) o marido bebe devido ao encosto; (2) o encosto é causado por: (a) desejo do finado irmão de descansar em paz (ele quer rezas), ou por (b) vigarice e vontade de "arrastá-lo pro mesmo buraco"; (3) se quer rezas, demos-lhe rezas, se for vigarista... vamos judiar com ele; (4) a partir daí, se o espírito se dá por satisfeito... o senhor Augusto deixará de beber; (5) se não deixar, deverá, pelo menos, ser criativo e encontrar novo e melhor pretexto para beber, o que (6) obrigar-nos-á a buscar e encontrar novas e melhores maneiras de intervir.

Por outro lado, o conflito do casal (ou mesmo de toda a família) pode ser compreendido como uma grande e dupla metáfora (Andolfi, 1985): se ao nível familiar o sintoma (cachaça/encosto) constitui a metáfora do fracasso econômico-cultural (do marido como homem e da família como grupo), a nível social, a demanda de ajuda (contra o sintoma "consertem nossa situação") representa a metáfora de uma realidade mais ampla: a tragédia da situação da família brasileira (nas suas camadas populares) e do fracasso de uma condução social que ameaça sua própria sobrevivência.

Nossa intervenção só estaria, pois, completa quando respondermos ao segundo nível... por isso fazemos esta publicação.

O PRÓXIMO CAPÍTULO (OU: A SEGUNDA PARTE)

Cumprirá duradouramente o alho seus conhecidos efeitos enxota-espíritos? Conseguirá o senhor Augusto manter a atitude comedida diante da "negada"? Será a sede do "medonho verme" maior e mais forte do que a férrea e regeneradora vontade do senhor Augusto? Ou virão novas medidas e planos econômicos agravar a penúria obrigando a outras mulheres da família a sair em busca de trabalho na cidade, trazendo como conseqüência o aumento da sede do "medonho verme"?

A estas e outras perguntas tentaremos responder na segunda parte deste trabalho, redigida pelos três terapeutas que participaram desta experiência terapêutica.

REFERÊNCIAS

- Andolfi, CA. (1985). *Terapia familiar, un enfoque interaccional*. Buenos Aires: Paidós.
- Andolfi, C.A., Menghi, P. & Nicoló-Corigliano, A. (1985). *Detrás de la máscara familiar, la familia rígida*. Un modelo de terapia relacional. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bergman, J.S. (1986). *Pescando barracudas, pragmática de la terapia sistémica breve*. Buenos Aires: Paidós.
- de Shazer, S. (1986). *Terapia familiar breve*. São Paulo: Summus.
- Devereux, G. (1978). L'ethnopsychiatrie: Presentation de la revue Ethnopsychiatrie. *Ethnopsychiatrie*, 1, 7-13.
- Haley, J. (1979). *Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Haley, J. (1986). *Tratamento de la familia*. Barcelona: Ediciones Toray.
- Madanes, C (1984). *Terapia familiar estratégica*. Buenos Aires: Amorrortu.

- Minuchin, S. & Moita Ivo, B. (1986). Técnicas para trabajar con famílias desorganizadas de nivel socio económico bajo. Em J. Haley, *Tratamento de la família*. Barcelona: Ediciones Toray.
- Pearls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.
- Selvini Palazzoli, M., Boscolo, L, Cecchin, G. & Prata, G. (1980). *Paradoxe et contre-paradoxe*. Paris: ESF.
- Sluski, C apud M. Elkaim (Ed.). (1986). *Formations et pratiques en thérapie familiale*. Paris: ESF.
- Zeig, J. (1985). *Um seminário didático com Milton Erickson*. Buenos Aires: Amorrortu.

Texto recebido em 15/10/87.